

RELATÓRIO TÉCNICO
**CONDIÇÕES DE TRABALHO EM EMPRESAS DE PLATAFORMA DIGITAL:
OS ENTREGADORES POR APLICATIVO DURANTE A COVID-19**

Projeto de pesquisa:

“Condições de trabalho em empresas de plataforma digital: os entregadores por aplicativo durante a Covid-19” - Universidade Federal do Paraná

Realização:

GT Trabalho Digital da Rede de Estudos e Monitoramento da Reforma Trabalhista
(GT Trabalho Digital/REMIR – Trabalho)

Pesquisadores:

Ludmila Costhek Abílio (Unicamp)
Paula Freitas Almeida (Unicamp)
Henrique Amorim (Unifesp)
Ana Claudia Moreira Cardoso (UFJF)
Vanessa Patriota da Fonseca (UFPE)
Renan Bernardi Kalil (MPT)
Sidnei Machado (UFPR)

Sistematização dos Dados:

Paula Freitas Almeida (Unicamp)
Renan Bernardi Kalil (MPT)

Como citar este relatório:

Relatório Parcial de Pesquisa. ABÍLIO, Ludmila. C.; ALMEIDA, Paula. F.; AMORIM, Henrique; CARDOSO, Ana. C. M.; FONSECA, Vanessa. P.; KALIL, Renan. B.; MACHADO, Sidnei. *Condições de trabalho em empresas de plataforma digital: os entregadores por aplicativo durante a Covid-19*. São Paulo: REMIR, 2020. 11 p.

**PESQUISA INDICA QUE ENTREGADORES DE PLATAFORMAS DIGITAIS
PERDEM REMUNERAÇÃO DURANTE A PANDEMIA
DO CORONAVÍRUS (COVID-19)**

Pesquisadores de universidades brasileiras realizaram análise dos impactos nas condições de trabalho de entregadores das principais de plataforma digitais, como iFood, UberEats, Rappi e Loggi, durante a crise da COVID-19¹. A pesquisa teve como objetivo investigar se houve mudanças nas condições laborais desses trabalhadores durante a pandemia, em especial no que se refere: a) ao tempo de trabalho antes e durante a pandemia; b) à variação da remuneração recebida antes e durante a pandemia ; c) ao fornecimento de meios de proteção pelas plataformas digitais (como álcool-gel, máscaras e orientações) e, finalmente, d) à relação dos trabalhadores com a pandemia do coronavírus.

A escolha pela realização deste estudo deve-se a diversos fatores. Primeiramente, o acompanhamento de diferentes comunidades de entregadores nas redes sociais sugere aumento do número de desligamentos, queda do número de corridas e também queda da remuneração. A isto somou-se o crescente número de manifestações de entregadores pelo país, onde as principais reivindicações se referem à responsabilização das empresas frente à segurança e à saúde dos trabalhadores durante a pandemia, fim dos desligamentos injustificados e melhores remunerações.

Os dados apresentados são fruto da primeira fase desta pesquisa, realizada nacionalmente, com ênfase nas grandes cidades, entre os dias 13 e 20 de abril, por meio de um questionário on-line na plataforma Google. Seus resultados evidenciam que o aumento expressivo da demanda por trabalho de entregas contrasta com a queda do rendimento dos trabalhadores, apesar destes manterem longas jornadas de trabalho. Comparando-se a distribuição por faixa de tempo de trabalho, constata-se que antes e durante a pandemia, a maioria dos respondentes trabalhava em faixas com duração acima de 09 horas diárias.

¹ Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa: “Trabalho por plataformas digitais, reconfigurações jurídicas e novos direitos”, dedicado a análise das transformações do trabalho digital no Brasil, coordenado por pesquisadores de diversas universidades e que integram o GT Trabalho Digital da Rede de Estudos e Monitoramento da Reforma Trabalhista (REMIR – Trabalho), Ana Claudia Moreira Cardoso (UFJF), Henrique Amorim (Unifesp), Ludmila Costhek Abílio (Unicamp), Paula Freitas Almeida (Unicamp), Renan Bernardi Kalil (MPT), Sidnei Machado (UFPR) e Vanessa Patriota da Fonseca (UFPE).

Já a remuneração sofre alterações muito significativas, indicando uma queda geral do rendimento dos trabalhadores. Os dados apontam que antes da pandemia aproximadamente 50% dos respondentes recebiam até R\$ 520,00 semanais e que, durante a pandemia, esse percentual aumenta para quase 73% dos entrevistados. Ainda durante a pandemia, houve aumento em 100% dos que auferem menos do que R\$260 por semana e, por outro lado, redução para em torno de 25% os que auferem rendimento maior que R\$ 520,00 semanais. Finalmente, quase 50% dos respondentes apontaram uma queda no bônus concedido pelas empresas-plataforma de entrega. É possível aventar que as empresas estão promovendo uma redução do valor da hora de trabalho dos entregadores em plena pandemia e sobremajorando seu ganho às custas do trabalhador.

No que se refere às medidas de proteção, os trabalhadores vêm tomando, por conta própria, uma série de medidas que envolve também custos adicionais ao seu trabalho. A grande maioria dos entrevistados afirmou tomar uma ou mais medidas de proteção na execução de seu trabalho.

Assim, tais resultados, que serão detalhados ao longo desta nota, não deixam margem de dúvidas sobre um movimento de queda da remuneração destes trabalhadores que hoje arriscam sua saúde e de suas famílias, desempenhando um serviço essencial para a população brasileira e para a implementação e manutenção do isolamento social neste momento. A perda de remuneração, associada ao aumento do risco de contágio, intensifica, portanto, as condições laborais precárias e incertas desses trabalhadores.

NOTA METODOLÓGICA DA PESQUISA

Nesta primeira fase da pesquisa foram respondidos 252 questionários, abrangendo 26 cidades, com concentração em quatro delas: São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Curitiba. Diante do interesse em expandir o alcance territorial da pesquisa, bem como manter o isolamento social, optamos pelo desenvolvimento e aplicação de questionário on line (disponibilizado na íntegra ao final do relatório), por meio da ferramenta Google Forms. Desta forma, garantimos que o país não fique imobilizado na produção de pesquisas na área das Ciências Sociais e nem contribuimos para o aumento do contato físico, preservando, assim, a saúde pública.

A pesquisa foi realizada considerando os limites existentes na produção de dados sobre os trabalhadores em plataformas digitais, considerando que estas empresas mantêm

alto sigilo sobre seus dados, além de não esclarecem os critérios de extração e usos dos dados sobre as centenas de milhares de trabalhadores e usuários. Assim, cálculos estatísticos precisos sobre a confiabilidade e representatividade da amostra estão inviabilizados, posto que não há atualmente a possibilidade de definir qual é o real universo de trabalhadores. Além disso, nas raras vezes em que estas empresas divulgaram dados, o fazem sem apresentar qualquer tipo de fonte ou comprovação daquilo que informam. Mesmo com todas essas limitações, se tomarmos como referência o contingente declarado pela própria empresa Ifood, por exemplo, em termos estatísticos, ao considerarmos o universo de 200 mil entregadores no Brasil, os dados desta pesquisa apresentariam um nível de confiança de 95% e uma margem de erro com variação de 6% para mais ou para menos.

Desta forma, a produção dos dados neste estudo guiou-se pela eliminação ou mitigação de vieses da pesquisa, buscando aleatoriedade na composição do universo de respondentes, o que foi obtido por meio da distribuição do questionário em diversas comunidades presentes em redes sociais que congregam diferentes perfis de trabalhadores e que se caracterizam como espaços legítimos de socialização. Para tal, a disseminação do questionário utilizou-se do método bola de neve, quando integrantes de diferentes redes sociais o repassaram para outras redes. Vale ressaltar que o uso do questionário on-line para estes trabalhadores também se mostra, na medida do possível, abrangente e não-enviesado, considerando que estes realizam seu trabalho on-line.

Nesta via quase que de mão única e que expressa o grande esforço dos pesquisadores e pesquisadoras em superar o apagão de dados patrocinados pelas empresas de plataforma digital analisadas, esta pesquisa se soma a outras que vêm sendo realizadas com entregadores pelo país, unindo a análise qualitativa à quantitativa e se pautando pelos relatos e experiências dos próprios trabalhadores.

Finalmente, convidamos as plataformas digitais a responderem às demandas por informações das instituições do trabalho no país, a adotarem um compromisso com a transparência de dados auditáveis sobre os trabalhadores que utilizam sua plataforma, provendo o acesso a microdados aos pesquisadores para que estes possam aprofundar suas análises.

PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Entre os trabalhadores que responderam, a quase totalidade (95,6%) se apresentou como sendo do sexo masculino. Quanto a cor ou raça, 39,7% se identificou como branco, 44,5% como pardo, 14,3% como negro e 0,4% como indígena. No que se refere à distribuição por idade, 15,0% dos entrevistados tinham até 24 anos, 47,6% entre 25 e 34, 33,3% entre 35 e 44 anos e 4% mais do que 44 anos.

No que se refere às plataformas digitais pesquisadas (Ifood, Rappi, Uber Eats e Loggi), 25% dos respondentes disseram trabalhar em apenas uma plataforma digital, 75% estão inscritos em 2 ou mais e, entre estes, 6,2% estariam inscritos nas quatro plataformas e ainda em outras. Quando analisamos para quais plataformas digitais os trabalhadores se dedicam unicamente, vemos que a maior parte cita a IFood, seguida da Loggi, Uber Eats e Rappi.

TEMPO DE TRABALHO

No que se refere ao tempo de trabalho, foi perguntado aos trabalhadores de plataformas digitais de entrega sobre sua duração antes e durante a pandemia. A escala do questionário variou entre até 04 horas e mais de 15 horas, uma vez que 09 entrevistados acusaram trabalhar até 04 horas antes da pandemia, mas nenhum deles apontou o mesmo durante a pandemia. Antes de seguirmos na análise, é importante dizer que nas comparações entre os períodos antes e após a pandemia excluimos os respondentes que disseram ter iniciado o trabalho nas plataformas digitais de entrega após a pandemia.

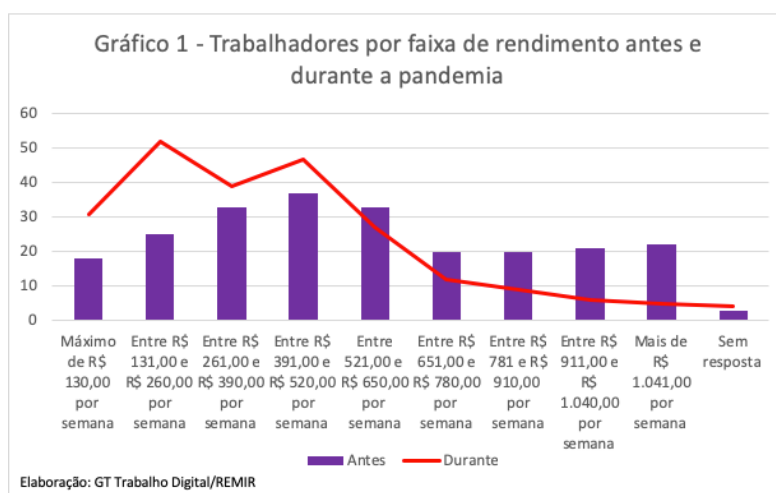
A distribuição dos trabalhadores por faixa de tempo de trabalho sofreu uma pequena variação, apresentando um aumento de 3% dos que trabalham até 08 horas por dia: 40,5% dos entrevistados afirmaram trabalhar antes da pandemia entre 04 e 08 horas por dia; 59,5% entre 09 e mais de 15 horas diárias. Durante a pandemia, 43,7% relatou trabalhar até 08 horas por dia e 56,4% apontou 09 horas ou mais. A distribuição atual é de 19,8% tanto nas faixas entre 09 e 10 horas diárias, como entre 11 e 12 horas, 10,7% entre 13 e 14 horas e 6,0% em 15 horas ou mais.

Vale ressaltar que, durante a pandemia, 52% dos entrevistados afirmaram trabalhar os 7 dias da semana, enquanto 25,4% deles, 06 dias. Com isso, 77,4% dos

entrevistados tem seu tempo de trabalho dispersos por 06 ou 07 dias na semana; trata-se de um trabalho a ser caracterizado como ininterrupto.

REMUNERAÇÃO

Entretanto, quando olhamos para a remuneração advinda do trabalho, vemos uma situação muito diferente, dado que a maioria dos entrevistados (60,3%) relatou uma queda na sua remuneração, comparando o período atual da pandemia do coronavírus com o momento anterior. E, ainda, 27,6% relata que a remuneração se manteve e apenas 10,3% que houve um aumento. O gráfico a seguir nos mostra quais foram as faixas de remuneração onde houve maior queda e também um aumento mais expressivo.



Como demonstrado no gráfico 1, a análise comparativa dos ganhos dos entregadores antes e durante a pandemia aponta, portanto, para uma queda significativa dos rendimentos. No universo de 229 respondentes, 113 declararam rendimento semanal de até R\$ 520,00 (o que corresponderia a aproximadamente R\$ 2.080,00 mensais). Dentre estes, 43 (18,5%) declararam remuneração de até R\$ 260,00 por semana (aproximadamente, R\$ 1.040,00 mensais). Durante a pandemia, a parcela de entregadores que têm remuneração inferior a R\$ 260,00 semanais praticamente dobra, passando a compor 35,7% dos entrevistados.

Verificou-se um incremento em todas as faixas de rendimento até R\$520,00 semanais. Já para o rendimento acima de R\$520,00 semanais, todas as faixas apresentam significativa redução. Se antes, 49,9%, dos respondentes declararam remuneração acima desse valor, agora são 25,4%. A redução torna-se ainda mais acentuada para os que

declaram rendimento acima de R\$ 780,00 semanais (aproximadamente, mais do que R\$ 3.120,00 mensais), de 27,1% para 8,6%. Ainda 9,5% declararam ter, antes da crise, rendimento acima de R\$ 1.040,00 semanais, sendo que na crise esta faixa abrange apenas 2,2% dos respondentes.

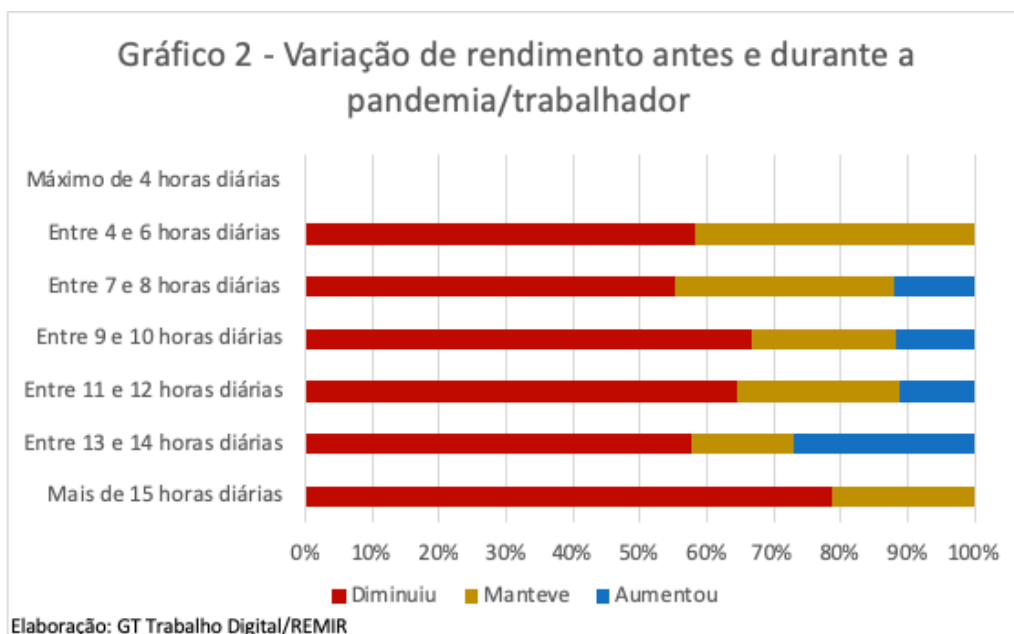
Fica claro, portanto, que no período anterior à pandemia havia uma concentração nos rendimentos semanais entre R\$ 261,00 e R\$ 650,00 reais, mas com presença importante naqueles rendimentos maiores, chegando a mais de R\$ 1.041,00 por semana. Entretanto, quando o foco recai sobre o período da pandemia, esses rendimentos maiores praticamente desaparecem, ganhando destaque para aqueles entre R\$ 130,00 e R\$ 520,00 semanais.

REMUNERAÇÃO E TEMPO DE TRABALHO

Quando abrimos mais os dados e comparamos as respostas a partir da remuneração por faixas de tempo de trabalho, novamente considerando o período da pandemia e o anterior, temos uma visão mais detalhada desta relação. Se em termos médios a redução foi em torno de 60% no rendimento, em todas as faixas de horas trabalhadas, pelo menos 55% dos trabalhadores apontaram que os seus rendimentos caíram durante a pandemia se comparado com o período anterior. A exceção deu-se na faixa de até 04 horas de trabalho/dia, uma vez que todos migraram de faixa.

Como pode ser observado no gráfico 2, para aqueles que trabalharam durante a pandemia entre 4 e 6 horas, o rendimento não aumentou para ninguém. Ao invés disso, observa-se que foi mantido para cerca de 40% e diminuiu para os outros 60%². Já para a segunda faixa de horas trabalhadas (entre 7 e 8), os rendimentos aumentaram para 12%, mantiveram-se para 33% e diminuíram para 55%. Se seguimos nossa análise em direção aos maiores tempos dedicados ao trabalho, isto é, acima de 09 horas, vemos que o percentual de remuneração que decresce é mais acentuado, como mostra o gráfico:

² 4,4% dos que trabalharam entre 4 e 6 horas não responderam sobre os rendimentos durante a pandemia.



Por exemplo, para aqueles que trabalharam, durante a pandemia, mais de 15 horas, 78,6% relata que seu rendimento caiu e 21,4% que se manteve. Ou seja, uma elevada carga horária não foi acompanhada por aumento de remuneração. Isso se deve, se considerarmos as falas dos trabalhadores em plataformas digitais de entrega (que nosso núcleo de pesquisa acompanha nos grupos de whatsapp e facebook e tendo como base outras pesquisas já realizadas) que dentre todo esse tempo dedicado ao trabalho houve muitas horas de espera por chamadas. Muitas falas relataram espera pela chamada e muitas outras de espera no próprio estabelecimento comercial, sobretudo restaurantes. Outro fato relevante é que muitos trabalhadores relataram, nesses grupos, que tiveram suas contas canceladas e, assim, reduziram suas chances de ter demandas, considerando que mais de 70% relatou trabalhar com mais de um aplicativo.

Além disso, quando somamos à nossa análise o movimento que houve nos bônus recebidos pelos trabalhadores, antes e depois da pandemia, vemos que este pode ter contribuído para a queda da remuneração: para 49,2% houve redução do bônus, para 45,2% houve manutenção e para apenas 5,6% ocorreu um aumento.

MEDIDAS PREVENTIVAS ADOTADAS PELAS EMPRESAS

Ao questionarmos os entregadores sobre as medidas preventivas adotadas pelas empresas pesquisadas para a diminuição dos riscos de contágio por COVID-19, 157

entrevistados (62,3%) afirmaram não ter recebido nenhum apoio da empresa para diminuir os riscos de contaminação existente durante a realização do seu trabalho e 95 entrevistados (37,7%) disseram ter recebido insumos de proteção das empresas ou dicas de como realizarem o seu trabalho de forma mais segura, em especial diminuindo o contato com os consumidores do serviço. Veja-se o gráfico:

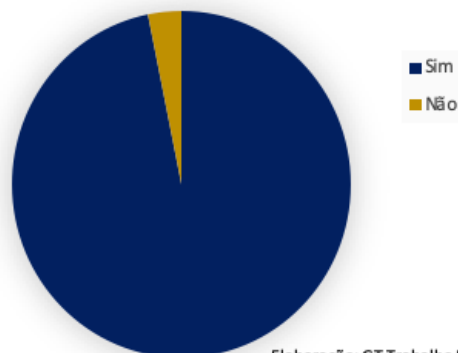


Entre os métodos de prevenção disponibilizados pelas empresas, a opção mais citada pelos entregadores foi o recebimento de orientações sobre como realizarem o seu trabalho com menor contato com os consumidores dos serviços. A segunda opção com maior número de respostas foi a distribuição de álcool-gel, com 49 entregadores (19,4%) afirmando terem recebido este produto.

MEDIDAS PREVENTIVAS ADOTADAS POR CONTA PRÓPRIA

Em relação às medidas preventivas tomadas por conta própria pelos entregadores para diminuir os riscos de contaminação por COVID-19, o gráfico 4 mostra que 244 entrevistados (96,8%) afirmaram estarem adotando alguma forma de medida preventiva, com apenas 8 trabalhadores (3,2%) respondendo de forma negativa a esta questão.

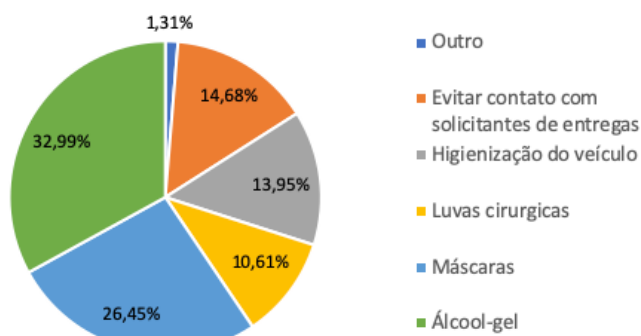
Gráfico 4 - Medida de Prevenção adotada pelo Entrevistado



Elaboração: GT Trabalho Digital/REMIR

A utilização de álcool-gel durante o trabalho está sendo a forma preventiva mais utilizada pelos entregadores para evitar a contaminação, sendo adotada por 225 entrevistados (89,2%), seguida pelo uso de máscaras, com 182 respostas (72,2%) e pela entrega sem contato direto com os clientes, medida adotada por 139 entrevistados (55,1%). Importante salientarmos que a realização das entregas sem o contato direto com os consumidores foi uma alternativa colocada pelas empresas devido à pandemia do coronavírus, com os usuários selecionando esta forma de entrega ao realizarem os pedidos e indicando aos entregadores o local que a compra deve ser colocada.

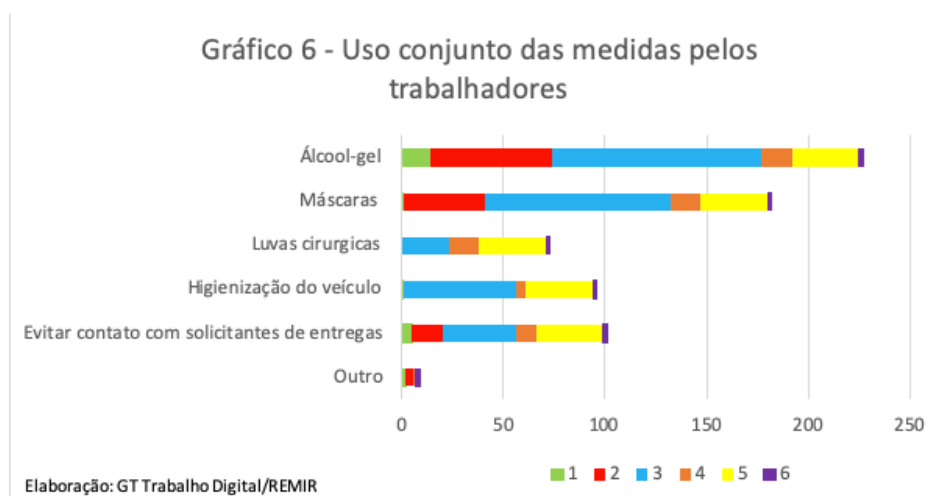
Gráfico 5 - Medidas adotadas pelos trabalhadores



Elaboração: GT Trabalho Digital/REMIR

Como a questão relacionada às medidas preventivas tomadas por conta própria pelos trabalhadores permitia a resposta em mais de uma alternativa, podemos também

analisar a quantidade de entrevistados que combinam mais de um método de prevenção, bem como quais são as ações conjuntas mais utilizadas, como mostra o gráfico 6:



Apenas 10% dos entrevistados relatam utilizar apenas um dos métodos de prevenção, sendo que o método mais comumente utilizado de forma isolada é a higienização das mãos com álcool-gel (6,8%). Já 54,6% dos entrevistados afirmaram utilizar a combinação de dois (25,1%) ou três (29,1%) métodos preventivos, sendo as combinações mais comuns o uso de álcool-gel e máscaras (16,7%) e o uso de álcool-gel e máscaras em conjunto com as entregas sem contato com os solicitantes (10%).

Chama-nos a atenção o fato de 12,7% dos entregadores entrevistados responderem realizar todos os métodos preventivos indicados em nosso questionário, ou seja, o uso de álcool-gel, luvas cirúrgicas e máscaras, a realização de entregas evitando contato com os clientes e a realização de higienização dos veículos. Além disso, 13,1% relataram utilizar álcool-gel e máscaras, realizar a higienização do veículo de trabalho e evitar o contato com os consumidores, sendo a combinação de todas estas medidas uma ação bastante utilizada pela categoria.

Estes dados, bem como o baixo número de entregadores que afirmaram não realizar nenhuma medida preventiva ou que estão adotando apenas uma delas, é um importante indicativo de mudança de hábitos dos trabalhadores para a realização das suas atividades durante a epidemia de coronavírus, bem como um indicativo de medo com relação à contaminação enquanto realizam seu trabalho. Em nosso questionário, 84,5% dos entrevistados relataram que tem medo de serem contaminados, trabalhando nestas condições, o que, entre outras coisas, evidencia um trabalho realizado sob um forte grau de tensão e de ansiedade.